

A GUERRA CONTRA A TERRA NA PERSPECTIVA DE VANDANA SHIVA

Gerson de Freitas Junior*

“A solidariedade é o melhor negócio para a humanidade”

Pepe Mujica (POSTV, 2015).

O Prêmio Sydney da Paz é uma premiação internacional promovida pela *Fundação Sydney pela Paz*, vinculada a Universidade de Sydney (SYDNEY PEACE FOUNDATION, 2006). A Fundação, criada em 1998, a partir de parceria entre diversos setores sociais, tem como objetivos promover a paz com justiça e prática da não-violência, sem fins lucrativos e sendo totalmente dependente de doações de seus membros. Objetiva atender vozes marginalizadas, promovendo o fim da pobreza, do preconceito e desenvolvendo ações que proporcionem oportunidades de educação e emprego. Diversas personalidades foram premiadas por sua defesa da paz e dos direitos humanos, sendo os critérios utilizados para a premiação os seguintes:

1. O comprometimento com a paz e a justiça nas escalas local, nacional e internacional;
2. A promoção e o atendimento dos direitos humanos universais;
3. A filosofia, língua e a prática da não violência.

A Doutora Vandana Shiva foi premiada em 2010, com base em sua história de comprometimento com a defesa dos princípios supracitados. Há

* Doutorando em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento pela Universidade Aberta de Portugal. CREA 5062900858. Professor da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo – FATEC (Jacareí). Membro da Associação de Geógrafos Japoneses (AJG) e do Centro de Ecologia Funcional (CFE – *Science for People & the Planet*) da Universidade de Coimbra, Portugal. Correio eletrônico: gerson.freitas.junior@gmail.com

mais de quarenta anos a Doutora Shiva, física, pós-graduada em Filosofia¹ e ambientalista indiana, formada pela *University of Guelph* e pela *University of Western*, em Ontário, tem trabalhado intensamente em defesa do patrimônio socioambiental indiano e global (valorizando saberes e práticas comunitárias, notadamente das mulheres, proteção à biodiversidade, proteção de sementes, conservação da água, uso coletivo da terra), sendo um dos principais expoentes de crítica à Globalização e uma figura pública de expressão internacional.

De acordo com Santos (2014, p. 145), a Doutora Shiva possui extensa e relevante produção bibliográfica e tem participado de eventos em vários países, difundindo os princípios de sustentabilidade social. É diretora da Fundação de Pesquisa para Ciência, Tecnologia e Ecologia (Nova Déli), e foi agraciada com os prêmios *Right Livelihood* (1993) e o *Fukuoka Asian Culture* (2012), sendo fundadora da *Navdanya*, instituição dedicada à defesa e promoção de sistemas de agricultura orgânica, agroecologia, crítica à biopirataria e ao uso de agrotóxicos, entre outros temas (NAVDANYA, [s.d.]).

A Doutora Shiva é uma importante representante do ecofeminismo (um ramo da ecologia radical) e crítica incisiva antiglobalização, da sustentabilidade fraca (BAKER, 2006, p. 32) e do *status quo* (HOPWOOD *et al*, 2005, p. 41), buscando a constante valorização, proteção e resgate do conhecimento tradicional e da biodiversidade, como forma de conservação socioambiental e proteção da Mãe Terra da Guerra contra a Terra, que se caracteriza pela difusão dos princípios e valores da Revolução Verde (concentração fundiária, empobrecimento genético, industrialização do campo, uso de agrotóxicos e de outros produtos químicos) e que tem causado o caos socioambiental contemporâneo, incluindo alterações climáticas.

Globalização e Crise Ecológica: A Guerra contra a Terra

A Doutora Vandana Shiva explana sobre o que ela designa como *A Guerra contra a Terra*, caracterizada por ações de atores hegemônicos com

¹ Santos (2014, p. 145).

atuação global, que se articulam e associam-se com o objetivo de controlar os recursos naturais.

Assim, grandes corporações, associadas a governos, buscam controlar terras em diversas partes do mundo, movidas pela ganância, causando destruição ambiental, agindo com violência ante as populações rurais (às suas práticas e heranças culturais), com conseqüente degradação ambiental (poluição dos solos e águas e redução da biodiversidade), desvinculando ambiente e pessoas.

Semelhante abordagem crítica encontra-se em Haberl *et al* (2011) sobre requisições energéticas necessárias para manter o insustentável *economic growth*, como citado pela Doutora Shiva sobre os gastos de energias despendidos na mineração. Ela afirma que ninguém está a salvo nessa permanente Guerra contra a Terra em nome do progresso, que se realiza por intermédio de meios econômicos e tecnológicos (engenharia genética) caracterizada pela transformação de toda a Terra em um grande “supermercado” (matéria morta manipulável), no qual água (*blue oil*), petróleo, biodiversidade (*green oil*), são reduzidos à condição de mercadorias (commodities), cujos instrumentos de realização são a agricultura de base industrial (fundamentada no uso intenso de produtos químicos² e do constante combate contra a vida) e a mineração, funcionando como estratégias de efetivação do controle dos recursos naturais.

Segundo a Doutora Shiva, 76% da biodiversidade ainda permanece sob controle comum e as grandes corporações buscam tornar essa biodiversidade em mercadoria, na forma de economia verde. Assim, como mercadorias, os recursos naturais são valorados e possibilitam o lucro, logo, são passíveis de comercialização e controle. Para alcançar esses objetivos, as corporações beneficiam-se da privatização de recursos naturais e das terras. No entanto, as populações indígenas representam resistência à Guerra contra a Terra, pois possuem formas de organização social e uso dos recursos naturais baseadas no oposto às corporações: coletivismo, cooperação, diversidade, integração

² A Doutora Shiva afirma que a indústria química se transformou na indústria farmacêutica e na indústria de biotecnologia.

cultural, partilha, transmissão de conhecimentos. Para ela, são essas populações que garantem a segurança alimentar e não a agricultura de grande porte, causadora de extensos e intensos impactos ambientais (também sociais). Ela cita a Amazônia brasileira, progressivamente destruída em detrimento dos plantios de soja, em nome do difundido discurso da segurança alimentar (um “Cavalo de Tróia”).

Ela defende uma perspectiva integradora e holística entre Terra e humanidade (Direitos da Terra e Direitos das pessoas), pois não desvincula a vida das pessoas da proteção do planeta, salientando o caráter da Terra como Mãe provedora (*Tierra Madre*), como Divindade, traço este característico de muitas populações tradicionais. O reducionismo relacionado à separação entre Terra e humanidade é um dos grandes problemas a serem resolvidos. Ela expressa essa preocupação na forma de dualismos como: empobrecimento e biodiversidade agroecológica; monoculturas e heterogeneidade; reducionismo mecanicista e complexidade; funcionalismo e espiritualismo; tecnologia e formas tradicionais de manejo dos recursos.

É precisamente esse tipo de fait *accompli* de “ocupação gradual” que está sinistramente ocorrendo em muitas das terras indígenas remanescentes hoje em dia. Se essas paisagens representam herança cultural e biótica para os povos indígenas que vivem nelas, assim como um legado arqueológico de valor histórico para a humanidade contemporânea e nossos descendentes, é importante proceder removendo as ameaças palpáveis que a globalização (incluindo aquecimento global) e comercialização de produtos naturais (tais como a derrubada seletiva de árvores em terras indígenas) estão trazendo no momento, antes que seja muito tarde, e o sucesso da ocupação gradual seja afirmado tanto nas cortes quanto na prática (BALEÉ, 2008, p. 12).

A constante conquista de novas áreas produtivas pelas corporações se baseia também no que ela designa como *2ª Geração da Revolução Verde*, ainda mais violenta, caracterizada pelo uso da engenharia genética a serviço de uma guerra no nível genético, levando ao desenvolvimento de “genes-arma”, criando distúrbios no nível metabólico das plantas e “superpragas”. A agricultura promovida pelas grandes corporações caracteriza-se pela perda genética, pelo controle das sementes por intermédio das patentes, pela biopirataria e pelo uso da engenharia genética para desenvolver variedades resistentes a “pragas” e aos agrotóxicos seletivos.

A *Navdanya*, na contramão desse processo reducionista designado por ela de bio-imperialismo, estimula a pesquisa e a difusão de conhecimentos sobre diversidade de sementes, na forma de bancos de sementes comunitários, e a proteção dos processos ecológicos. Na perspectiva da Doutora Shiva, quanto mais processos ecológicos, mais comida.

Afinal de contas, as mulheres produzem alimentos para as famílias e as crianças. As corporações produzem pelo lucro, elas não se importam se o alimento é nutritivo ou não, se é saboroso ou não. Se é seguro ou não. As mulheres se importam. Por isso, precisamos trazê-las de volta ao processo de criação da comida (SHIVA *apud* MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2015).

Especificamente no Brasil, diversas instituições, públicas e privadas, bem como indivíduos com esforços independentes, têm desenvolvido trabalhos sobre sementes rústicas, hortaliças não-convencionais e formas de manejo dos recursos naturais de forma coletiva, na busca pelo resgate do conhecimento tradicional e pela autonomia alimentar das populações humanas.

Considerações finais

A Doutora Shiva, portanto, propõe uma perspectiva de mudança profunda e transformadora na estrutura econômica e na organização socioespacial, de forma que as populações rurais e tradicionais (indígenas) sejam protegidas. De acordo com a Doutora Shiva, essas populações têm seus direitos constitucionais violados (até mesmo por intermédio da militarização), sendo as mais atingidas pela violência dos atores hegemônicos (com auxílio dos governos) que visam controlar os recursos naturais. Suas colocações convergem com o conteúdo das palestras dos Professores Viriato Soromenho-Marques (2012) e de Steven Best (2013), que também criticam a estrutura organizacional e os valores socioeconômicos da sociedade atual.

Convergem também em abordagens baseadas em reflexão profunda, ampla, integradora e multidisciplinar, visto que os três professores possuem formação em Filosofia e transitam, no exercício teórico e prático, por diferentes áreas do conhecimento e da realização social coletiva. Os professores Shiva e Best representam a ecologia profunda, visto que defendem, respectivamente,

os direitos dos povos tradicionais e os direitos dos animais. Especificamente, criticam a cadeia produtiva relacionada aos alimentos, que causa diversos impactos ambientais e prejudica a saúde das pessoas.

Suas abordagens também caminham no sentido comum de que é necessário manter os ciclos ecológicos do planeta em consonância com práticas menos agressivas de uso dos recursos naturais, de forma a minimizar efeitos negativos das alterações climáticas, proporcionando a manutenção de processos ecológicos, melhores condições de vida às populações humanas e menos pobreza.

Referências bibliográficas

BALEÉ, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, [s.l.]: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.24885/sab.v21i2.248>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BAKER, Susan. *Sustainable Development*. Routledge introductions to the environment series. 2006.

BEST, Steven. Ecological Crisis and Veganism. *YouTube*, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mkvss2bY5HA>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HABERL, Helmut; FISCHER-KOWALSKI, Marina; KRAUSMANN, Fridolin; MARTINEZ-ALIER, Joan; WINIWARTER, Verena. A socio-metabolic transition towards sustainability? Challenges for another great transformation. *Sustainable Development*, v. 19, n. 1, p. 1-14, jan.-fev. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/sd.410>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HOPWOOD. Bill; MELLOR, Mary; O'BRIEN, Geoff. Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable Development*, v. 13, n. 1, p. 38-52, fev. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/sd.244>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MINITÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Ativista indiana se surpreende com políticas públicas brasileiras. 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2015/novembro/ativista-indiana-se-surpreende-com-politicas-publicas-brasileiras>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NAVDANYA. *Navdanya*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.navdanya.org/site/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

POSTV. #PopMujica. *YouTube*, 29 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rglyprZDiX8>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SANTOS, Marco Pais Neves dos. Subsídios para a compreensão da sustentabilidade social e desenvolvimento no discurso de Vandana Shiva aquando da entrega do Sydney Peace Prize. REDESG: Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global, Santa Maria: UFSM, v. 3, n. 1, p. 143-173, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/REDESG/article/view/15502/pdf_1#.YS6DOI5KhPY>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar 4 - As alterações climáticas e o enigma do nosso futuro comum. *Vimeo*, 4 jun. 2012. Disponível em: <<https://vimeo.com/43423538>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SYDNEY PEACE FOUNDATION. *Nominate*. Sydney: University of Sydney, 2006. Disponível em: <<http://sydneypeacefoundation.org.au/nominate/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.